

**Da teoria à prática: as contribuições da Psicopedagogia no ensino de História**  
**From theory to practice: the contributions of Psychopedagogy in the teaching of History**  
**De la teoría a la práctica: los aportes de la Psicopedagogía en la enseñanza de la Historia**

Recebido: 19/07/2020 | Revisado: 09/08/2020 | Aceito: 13/08/2020 | Publicado: 19/08/2020

**Francisco Cardozo Portela**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1811-2177>

Secretaria de Educação de Uruoca, Brasil

E-mail: [franciscocardozohist@gmail.com](mailto:franciscocardozohist@gmail.com)

**Wendel Melo Andrade**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8921-7326>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

E-mail: [professorwendelmelo@gmail.com](mailto:professorwendelmelo@gmail.com)

**Resumo**

Este artigo tem o objetivo de levantar reflexões teóricas e práticas e propor mudanças no processo de ensino de história, buscando fundamentações no campo da psicopedagogia, para auxiliar dentro da ação de educar, levantando discussões sobre as mudanças na sala de aula dentro da disciplina de História. Fundamentamos as discussões apresentadas neste artigo nas concepções de Ramos e Scoz sobre a psicopedagogia, como abordagem teórica que pode contribuir com o processo de ensino e aprendizagem da História. E nos apoiamos em autores como Portela, Schmidt, Netto & Costa e outros para fundamentar as reflexões sobre o ensino de História. Metodologicamente adotamos os pressupostos da pesquisa bibliográfica. Nos achados desta pesquisa percebemos que há necessidade de repensar sobre as metodologias de ensinar na atualmente, com fins de torna-la mais dinâmica e eficaz. Neste sentido, o uso de ferramenta que busca auxiliar o professor nas aulas, tem sido algo cada vez mais necessário, dentre estas ferramentas, destaca-se a ludicidade e a utilização de recursos didáticos materiais e imateriais, tudo isto, na busca por tornar a História uma disciplina cada vez mais construtiva e significativa dentro e fora do ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Teoria e prática; Psicopedagogia; Ensino e aprendizagem; História; Ensino.

### **Abstract**

This article aims to raise theoretical and practical reflections and propose changes in the history teaching process, seeking foundations in the field of psychopedagogy, to assist within the action of educating, raising discussions about changes in the classroom within the discipline of History . We base the discussions presented in this article on the conceptions of Ramos and Scoz on psychopedagogy, as a theoretical approach that can contribute to the process of teaching and learning history. And we rely on authors such as Portela, Schmidt, Netto & Costa and others to support reflections on the teaching of history. Methodologically we adopt the assumptions of bibliographic research. In the findings of this research we realized that there is a need to rethink about the methodologies of teaching in the current, in order to make it more dynamic and effective. In this sense, the use of a tool that seeks to assist the teacher in class has been increasingly necessary. Among these tools, playfulness and the use of material and immaterial teaching resources stand out, all of this, in the quest to make the History an increasingly constructive and meaningful discipline inside and outside the school environment.

**Keywords:** Theory and practice; Psychopedagogy; Teaching and learning; Story; Teaching.

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo plantear reflexiones teóricas y prácticas y proponer cambios en el proceso de enseñanza de la historia, buscando fundamentos en el campo de la psicopedagogía, que coadyuven dentro de la acción de educar, planteando discusiones sobre cambios en el aula dentro de la disciplina de la Historia. . Basamos las discusiones presentadas en este artículo en las concepciones de Ramos y Scoz sobre la psicopedagogía, como un enfoque teórico que puede contribuir al proceso de enseñanza y aprendizaje de la historia. Y contamos con autores como Portela, Schmidt, Netto & Costa y otros para apoyar las reflexiones sobre la enseñanza de la historia. Adoptamos metodológicamente los supuestos de la investigación bibliográfica. En los hallazgos de esta investigación, nos dimos cuenta de que existe la necesidad de repensar las metodologías de la enseñanza en la actualidad, para hacerla más dinámica y efectiva. En este sentido, el uso de una herramienta que busque ayudar al docente en clase ha sido cada vez más necesario, entre estas herramientas destacan la lúdica y el uso de recursos didácticos materiales e inmateriales, todo ello, en la búsqueda de hacer la La historia es una disciplina cada vez más constructiva y significativa dentro y fuera del entorno escolar.

**Palabras clave:** Teoría y práctica; Psicopedagogía; Enseñando y aprendiendo; Historia; Enseñando.

## 1. Introdução

Torna-se mais complexo e amplo compreender o campo educacional no qual a sociedade atual está inserida, amplos fatores influenciam no fracasso ou no sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Processo este que ganha notoriedade em vista que norteia todo o fazer pedagógico, com suas facetas que vão desde o momento do antes da sala de aula (estudos, planejamentos), passando pelas salas de aulas físicas (compreendida aqui de forma ampla, para além dos quatro cantos físicos de uma sala, mas ambientes diversos de aprendizagem) até o momento final que seria a aprendizagem satisfatória do aluno, podendo refletir o que fora internalizado com sua prática em sociedade.

Isso faz com que tenhamos essa complexidade na educação, vista que, já não é mais só regurgitar informações ou conhecimentos e haver uma absorção passiva desse processo. Com o tempo, ampliaram-se as ferramentas de auxílio ao processo de ensino-aprendizagem, não somente novas ferramentas, mas técnicas, abordagens, teorias que fundamentaram de forma mais crítica, ativa e criativa essa ação, ação esta de educar, educar no sentido amplo, para o além dos muros das escolas, pois só assim, estaríamos desempenhando um verdadeiro papel transformador de educador.

Novas visões foram sendo criadas, entre elas, compreender no aluno o real sentido da educação e ator e autor do ensino, compreendê-los na diversidade, como seres diversos, que agem, interagem e aprendem de modo diferente dos demais.

Considerando essa nova visão de educar, este artigo tem o objetivo, não somente de refletir (com teorias), mas propor mudanças (na prática de ensino) dentro do viés de como a psicopedagogia pode auxiliar dentro da ação de educar e repensando estas mudanças na sala de aula dentro da disciplina de História.

Fundamentamos as discussões apresentadas neste artigo nas concepções de Ramos (2009) e Scoz (1994) sobre a psicopedagogia como abordagem teórica que pode contribuir com o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História. E nos apoiamos em Portela (2018), Schmidt (2002), Netto & Costa (2017), Grigorenko & Ternemberg (2003), Bossa (1994), Silva (2011) e Almeida (2009) e na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2016) para fundamentar as reflexões sobre o ensino de História, buscando identificar ferramenta que possam auxiliar o professor a tornar a aprendizagem deste componente curricular cada vez mais dinâmica e eficaz.

Organizamos este artigo em quatro seções, sendo que a primeira se constitui nesta introdução. Na segunda, apresentamos a metodologia adotada neste trabalho. Na terceira,

refletimos sobre as análises realizadas a partir dos estudos teóricos, na qual discutimos sobre a psicopedagogia como abordagem que pode contribuir com o processo de ensino de História, abordando também os desafios e dificuldades de aprendizagem deste componente curricular e trazendo algumas possibilidades metodológicas para dinamizar o seu ensino. Por fim, na quarta seção, temos as considerações finais.

## **2. Metodologia**

Metodologicamente, nos apoiamos nos pressupostos da pesquisa bibliográfica, por considerarmos o procedimento apropriado para o atendimento aos objetivos deste trabalho, pois a organização das informações obtidas nesta pesquisa subsidiará as discussões e análises dos estudos realizados.

Na realização das pesquisas bibliográficas adotamos como foco os trabalhos já publicados que se fundamentam na abordagem da psicopedagogia para o processo de ensino, como também nos trabalhos que trazem reflexões sobre as metodologias de ensino de História com ênfase nos processos mais dinâmicos, tais como a utilização de ludicidade e da utilização de recursos didáticos materiais e imateriais.

De acordo com Severino (2007):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p. 122).

A partir das pesquisas realizadas, organizamos e analisamos os achados buscando relacionar a teoria estuda e a prática do ensino de História, refletindo e analisando criticamente sobre as contribuições da psicopedagogia no processo de ensino deste componente curricular e apontando possibilidades metodológicas que possam favorecer o professor de História no exercício da sua prática docente.

### **3. Análise e discussões**

#### **3.1 A psicopedagogia: trajetória e amadurecimento**

Uma definição singular que fundamenta e orienta sobre o que é ser psicopedagogo, com suas áreas e funções, está no artigo 1º do código de ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp):

A Psicopedagogia é um campo de conhecimento e ação interdisciplinar em Educação e Saúde com diferentes sujeitos e sistemas, quer sejam pessoas, grupos, instituições e comunidades. Ocupa-se do processo de aprendizagem considerando os sujeitos e sistemas, a família, a escola, a sociedade e o contexto social, histórico e cultural. Utiliza instrumentos e procedimentos próprios, fundamentados em referenciais teóricos distintos, que convergem para o entendimento dos sujeitos e sistemas que aprendem e sua forma de aprender (ABPp, 2012, p. 12).

Assim, tem-se que refletir e compreender o que seja a psicopedagogia, como uma área própria, de estudo e reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem, com suas mais diversas metodologias, visando superar dificuldades para se chegar numa aprendizagem relevante, ativa e satisfatória. Quando se pensa em psicopedagogia pressupõe-se, para o senso comum, como uma sub área vinculada à psicologia ou a pedagogia, como Ramos (2009) adverte:

Diferentemente do que costuma supor o senso comum, a Psicopedagogia não se resume a uma fração da Psicologia, ou a parte da Pedagogia, ou a uma junção reducionista entre Pedagogia e Psicologia. Antes disso, a Psicopedagogia é uma área de conhecimento e de atuação profissional voltada para a temática da aprendizagem ou, mais precisamente, para a temática do sujeito que aprende (Ramos, 2009, p.16).

Porém, com o avanço desta, evoluiu também a forma de se pensar essa área, sua abrangência e seus métodos utilizados, dentro das mais distintas formas de se aprender, já que essa é à base da psicopedagogia, a compreensão de que todo sujeito aprende, seja em tempo diferente, seja com metodologias diversificadas, tendo uma visão crítica e clínica para aqueles que apresentam alguma dificuldade nesse processo.

Logo a Psicopedagogia irá focar um olhar multidisciplinar, caráter clínico (reintegrar o aprendiz que teve dificuldades de aprendizagem ao processo de ensino) e preventivo (discutir e auxiliar em métodos, práticas, didáticas de ensino). Isso mostra que a psicopedagogia passa a

desenvolver um trabalho antes/durante/depois no processo de ensino aprendizagem. Antes no sentido de prevenir futuros problemas com aprendizagem, auxiliando em métodos e didáticas de ensino plurais; durante: talvez seja aqui seu peso maior, com o diagnóstico de um aprendente com dificuldades, cabe a ela analisar e encaminhar a profissionais competentes para que logo o indivíduo tenha superado essa fase e por fim, ela atua também no após, diagnóstico e tratamento, observando a evolução do caso e para que novos casos de dificuldades de aprendizagem não surjam.

Logo, entende-se que a psicopedagogia é uma área do conhecimento, uma ciência responsável em estudar, auxiliar e sanar as diversas variações de dificuldades de aprendizagem que possa surgir, seja no ambiente escolar, social, laboral, respeitando e analisando o processo de ensino e aprendizagem, em vista que, tais dificuldades podem ou não estarem relacionadas ao aprendiz, mas a metodologia de ensino.

Assim como a psicopedagogia perpassou no tempo variando seus significados e funções, coube a escola a função de tratar dos “anormais escolares”, no entanto com o avanço da psiquiatria e a incorporação de seus métodos na escola, possibilitou-se a mudança da ideia de “crianças anormais” para “crianças com problemas”.

Em princípio, seu foco era as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar. Atualmente sua preocupação se volta, de forma mais abrangente, para a compreensão do processo de aprendizagem, dentro ou fora do ambiente escolar, considerando a influência dos fatores físico, emocional, psicológico, pedagógico, social, cultural etc (Scoz, 1994, p.16).

E, atualmente, como resultado desse processo de amadurecimento e de novas concepções do processo de ensino e aprendizagem e de novas dificuldades que no decorrer do caminho que podem emanar, que movimentos surgiram com o intuito de dá uma nova concepção de ensino/ensinar, assim como uma nova forma de se pensar o aprendente, onde a título de exemplo no Brasil temos dois importantes movimentos que auxiliaram a democratizar essa nova ótica do processo de ensino: o escolanovista (Escola Nova) e a pedagogia freiriana (Paulo Freire). Tais teorias foram amadurecidas, debatidas e influenciaram na renovação da educação brasileira, principalmente com a LDB (Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

Ambos os movimentos, foram singulares para uma nova concepção de educação, de aluno, de métodos e metodologias, colocando sempre no centro o aluno, onde este passa de coadjuvante para ator principal do processo, que está, em toda forma, alicerçado e baseado

nesse personagem. Não há escola, métodos educacionais sem alunos, e para a psicopedagogia este aprendente está em constante metamorfose, sendo que esse é o sentido da educação, mudar, se ressignificar, atuar.

E quando essa atuação não ocorre? Quando o aluno só é visto como mero receptor de informação e com problemas de aprendizagem e quando esse processo mecânico de se pensar e praticar a educação não se estabelece como o professor deseja.

### **3.2 O ensino de História na atualidade: desafios e dificuldades de aprendizagem**

Para uma simplificação do conceito ou por perpassar o ensino de forma tradicional, tende-se sempre a fazer a seguinte definição de História para os alunos: é a ciência que estuda o homem no tempo e no espaço. Antes mesmo de problematizar a validação de tal simplificação cabe saber que a História enquanto ciência já evolui significativamente nos decorreres dos séculos.

O que temos é uma verdadeira revolução no modo de se pensar a História do século XIX para a atualidade, passando pelo século XX que foi de fundamental importância para essa revolução, trazendo marcas profundas na historiografia.

No decorrer dos séculos, correntes historiográficas foram surgindo, dando ideias e formas de pensar a história e quem eram seus atores principais. Ainda no século XIX uma grande corrente ganha destaque para a História e outras áreas afins, que foi o positivismo, entendido aqui como uma corrente conservadora de pensar a história e os indivíduos que a ela compõe. Pensar a história positivista é pensa-la baseado em fatos tidos como importantes (grandes marcos e feitos) e grandes figuras (pessoas de destaque, verdadeiras lendas, sempre relacionadas ao elevado poder político e econômico que desempenhavam em sociedade).

Na contramão dessa corrente, surge outra para discordar e pôr em debate uma nova visão para a História: a escola dos annales. Surge no século XX contrapondo-se ao pensamento positivista, onde para a corrente historiográfica dos annales a História deve se basear numa nova escrita de fatos e atores, fatos do cotidiano e atores comuns. Onde para esta corrente, todos fazem parte da História e todos estão inseridos nela, e o cotidiano passa a ser ferramenta de estudo, ensino e debate.

Esse processo de democratização dos sujeitos, logo, da história, possibilita a admissão de novas pessoas para dentro da história e permite a compreensão de que esses sujeitos comuns são sujeitos da história, apresentam uma relevância e riqueza de conhecimentos, assim, o que se percebe é a variação de uma história tendo como base grandes líderes

políticos e sociais, heróis nacionais, para uma história onde todos são admitidos e vistos enquanto sujeitos e transformadores da realidade, da história, toma-se assim o estudo não somente da História, mas passa-se a ver o papel social que a história adquire (Portela, 2018, p.12).

Essas correntes historiográficas trouxeram para a História não somente a possibilidade de estudar de forma diferente, mas pensar o ensino e as pessoas inseridas nos contextos sociais de formas amplas, críticas e reflexivas. E como colocar isso na sala de aula? E mais ainda, como pensar a forma de ensino atualmente, de que forma esse ensino está sendo estabelecido, como os professores estão ensinando? Baseando-se em que pensamento do que seja História, mas também, do que seja ensino, e com uma visão crítica a respeito do meu aprendente, vendo-o não apenas como leitor da realidade, receptor de conhecimento, mas como reflete a nova História e a BNCC, vendo-o como ator principal e responsável por mudar essa história.

As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual (Brasil, 2017, p. 397).

Isso se mostra hoje como um dos principais desafios dentro da sala de aula, fazer com que o aluno compreenda que estudar História não é estudar o passado, mas principalmente, compreender como chegamos até o presente, vendo a História não como sinônimo de algo transcorrido, mas de reflexão do trajeto que o presente fez, refletindo suas marcas, suas memórias e suas edificações para a sociedade presente, e principalmente, conscientizando dos erros e acertos cometidos, para que não volte a acontecer no futuro.

A aula de história é um momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer a seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade com a qual ele retome a atividade que edificou este conhecimento (Schmidt, 2002, p. 57).

Assim, a aula de História se coloca como um momento de, não só adquirir conhecimentos históricas, mas também de se formar enquanto indivíduo, enquanto ser pensante, que aprende a ler a sociedade, com seus atos e feitos, através das brumas do tempo.

### **3.3. Dificuldades de aprender: um diálogo entre a prática de ensinar e a de aprender**

Ensinar é um processo significativo e contínuo na vida humana, estamos em constante processo de aprendizagem, adquirindo conhecimentos e informação, seja em ambientes formais (escolas) ou informais (o convívio em sociedade):

A aprendizagem pode ser definida como um processo de aquisição de novos conhecimentos através de experiências vivenciadas e determinadas por fatores endógenos e exógenos que resultam na modificação do comportamento humano e que dependem de condições essenciais, tais como: mentais, físicas, sensoriais e sociais para se desenvolverem (Netto & Costa, 2017, p. 216).

Como lembra Bossa (1994, p. 9), a “concepção de aprendizagem é resultado de uma visão de homem, e é em razão desta que acontece a práxis psicopedagógica”, ou seja, a psicopedagogia se debruça para que haja o desenvolvimento da aprendizagem, que esse processo possa correr, no entanto, sabe-se que cada indivíduo leva um tempo nesse processo e até mesmo não desenvolve essa aprendizagem que é cobrada por professores, pela escola e pela sociedade, daí são colocados como tendo dificuldades de aprender.

Então o que seria essa “dificuldade de aprendizagem”? Por que ela ocorre? O que se poderia fazer para sanar ou diminuir a mesma? Dentro desse processo para diminuir as dificuldades dos alunos, quais as funções dos professores, escola e família? Mais do que questões, são pontos a se refletir a práxis docente.

Dificuldade de aprendizagem significa um distúrbio em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos no entendimento ou no uso da linguagem, falada ou escrita, que pode se manifestar em uma aptidão imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar ou realizar cálculos matemáticos (Grigorenko & Ternemberg, 2003, p. 29).

Assim, observa-se que problemas de aprendizagens podem estar relacionados tanto a fatores metodológicos de ensino (o aluno não consegue aprender em vista da metodologia de ensinar do professor), como também fatores psicológicos, onde a criança apresenta distúrbios que interferem para que essa aprendizagem se desenvolva. Logo, cabe de início ao professor ter um olhar sensível para este aluno, verificando, testando outras ferramentas de estudo, de ensino, antes de taxa-lo como alguém com distúrbios de aprendizagem. Pensar esse aluno nas múltiplas formas de aprender. Aprender é processo contínuo e leva tempo, então testar formas

variadas torna-se válida para que o processo de ensino-aprendizagem possa ocorrer de forma mais natural possível.

Mas em casos que se percebe que tais dificuldades tendem a persistirem, cabe ao professor em parceria com a escola e a família buscar ajuda de um psicopedagogo para identificar a dificuldade e fazer os devidos encaminhamentos. Mas não é só função do psicopedagogo trabalhar com as dificuldades de aprendizagem já estabelecidas, mas fundamentalmente preveni-las:

Em três níveis de prevenção: o primeiro, que visa analisar e modificar os processos educativos para diminuir a frequência dos casos de problemas de aprendizagem na instituição; o segundo, que objetiva analisar e modificar os processos educativos para baixar e tratar os casos já instalados no local; e o terceiro, que atua diretamente e de modo mais individualizado (sob uma perspectiva mais clínica, inclusive) com os sujeitos com problemas de aprendizagem, prevenindo-lhes o aparecimento de outros problemas. Nesse último caso, seu papel não seria o de eliminar os sintomas, agindo como um “professor de reforço”, ensinando de forma particular o conteúdo não aprendido. Ao contrário disso, sua atuação seria a de diagnosticar e intervir no problema gerador do referido sintoma (Bossa, 1994, p.18).

Nesse processo de diagnóstico e intervenção das dificuldades, o psicopedagogo deve está em constante sintonia com a instituição escolar, visto aqui não somente como o professor daquele aluno, mas a escola como um todo, todo o seu projeto de ensino, suas formas de pensar e pôr em práticas métodos que visem fomentar o interesse nas aulas e um Projeto Político Pedagógico (PPP) que seja instrumento transformador e auxiliador da prática docente e do psicopedagogo:

Analisar a dificuldade de aprender inclui, necessariamente, o projeto pedagógico escolar, nas suas propostas de ensino, no que é valorizado como aprendizagem. A ampliação desta leitura através do aluno permite ao psicopedagogo abrir espaços para que se disponibilizem recursos que façam frente aos desafios, isto é, na direção da efetivação da aprendizagem (Silva, 2011, p. 08).

De tal modo, cabe a cada professor sensibilizar-se para identificar dentro do ambiente escolar aqueles alunos que não estão conseguindo aprender, importante saber que, cada um aprender num ritmo e forma diferente, sabendo usar os recursos que auxilie na sua prática, tornando-se não senhores guardiões do conhecimento, mas responsáveis em saber lidar com as mais variadas intempéries dentro da sala de aula, onde se fazer professor é isso, saber-se metamorfosear para transformar indivíduos, não levando conhecimentos prontos, mas

deixando-os caminhar sozinhos, pois assim, o processo de aprender se torna significativo e menos mecânico. Que professores e psicopedagogos possam ser agentes transformadores dentro da sala de aula, fazendo do conhecimento algo acessível a todos.

### **3.4. Dinamicidade no ensinar**

Como foi colocado, uma das causas das dificuldades de aprendizagem, que podem ser múltiplas, mas por questões práticas de estudo ao presente artigo, debruça-se sob a ótica da falta de interesse, vontade de aprender História. Então, cabem aqui certos questionamentos, melhor dizendo, provocações: o que leva uma aula de história se tornar monótona? Por que não há tanto interesse em se aprender sobre a nossa história? Que fatores levam a não acontecer por vezes à aprendizagem satisfatória, gerando dificuldades de aprender? Qual a função do professor nesse momento? E da escola? E da família? E do aluno?

O que se observa é que há muito que se questionar e refletir sobre as metodologias de ensinar atualmente. Assim, surgem nesse contexto métodos que podem auxiliar a tornar o ambiente escolar mais satisfatório, logo à aprendizagem.

Como ferramenta que busca auxiliar o professor nas aulas, tem-se que pensar a História de forma dinâmica, daí a ideia de dinamicidade do ensino de História, ou seja, ensinar de forma lúdica, e como transformar a sala de aula num espaço de ludicidade? Almeida auxilia pra responder esse questionamento:

O que traz ludicidade para a sala de aula é muito mais uma "atitude" lúdica do educador e dos educandos. Assumir essa postura implica sensibilidade, envolvimento, uma mudança interna, e não apenas externa, implica não somente uma mudança cognitiva, mas, principalmente, uma mudança afetiva (Almeida, 2009, p. 01).

Isso leva repensar a prática dentro da sala de aula: será que meu aluno está conseguindo acompanhar o conteúdo? E se não estiver, eu enquanto professor o que estarei fazendo para mudar essa realidade? Cabe a sensibilidade do que seja o papel do educador, educar é estar ativamente empenhado em se ressignificar no ambiente escolar, para favorecer o objetivo principal: a aprendizagem satisfatória.

A BNCC traz na sua concepção a proposta do professor utilizar metodologicamente de fontes e documentos que auxiliará na prática docente e mais ainda, ajudará no processo de ensino e aprendizagem, tornando esse aprendizado mais significativo e satisfatório:

A utilização de objetos materiais pode auxiliar o professor e os alunos a colocar em questão o significado das coisas do mundo, estimulando a produção do conhecimento histórico em âmbito escolar. Por meio dessa prática, docentes e discentes poderão desempenhar o papel de agentes do processo de ensino e aprendizagem, assumindo, ambos, uma “atitude historiadora” diante dos conteúdos propostos, no âmbito de um processo adequado ao Ensino Fundamental (Brasil, 2017, p. 398).

Isso vai dialogar com o 2º dos 3 procedimentos básicos no qual deve se pautar o processo de ensino e aprendizagem em História:

Pelo desenvolvimento das condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de uma ou várias linguagens (Brasil, 2017, p. 416).

A utilização de documentos, seja ele material ou imaterial, auxilia o professor no processo de ressignificação do conhecimento histórico, levando para o âmbito da sala de aula materiais que fazem parte da história do aluno, da escola ou da sociedade, despertando assim a curiosidade através do manuseio, da leitura, da reflexão.

O Quadro 1 a seguir, sugere formas/ferramentas/possibilidades metodológicas para enriquecer as aulas, tornando-as mais criativas, e um ambiente onde o aluno seja o ator principal nesse processo de ensinar e aprender.

Com isso, é fundamental percebê-lo como possibilidades norteadoras da prática docente, estimulando a pluralidade de ensino, assim torna-se fundamental enxergá-lo como materialização da pluralidade que tanto é discutida e pouco praticada, ele pode atuar como norte de ensino, de metodologia.

**Quadro 1:** Possibilidades metodológicas para o ensino de História.

SUGESTÕES (TEORIA)	METODOLOGIAS (PRÁTICA)
Teatro / Caracterização de alunos e do professor.	A história é uma das disciplinas escolares que mais pode se aliar do teatro e da caracterização como ferramenta educativa, selecionando fatos, momentos históricos para que haja essa encenação. Onde vai ser do processo de pensar até pôr em prática essa teatralização, que o conhecimento irá se fincar mais fortemente. Exemplo: Estudando sobre sociedade colonial, pode ter uma dramatização de cenas, fatos do cotidiano daquela sociedade.
Dança	A dança auxilia no processo de apropriação cultural, usando o corpo como ferramenta de diálogo, crítica e aprendizado. Exemplo: danças de matrizes africanas, indígenas, europeias, etc.
Fichamentos / Leitura crítica	O incentivo a novas leituras é primordial, leituras essas, que auxiliem o aluno a criar uma nova visão da sociedade que o cerca. Há um leque diverso de leitura, onde o espaço da biblioteca pode ser utilizado para a aula. Além da leitura, é interessante o fichamento, escrita das partes mais interessantes para o aluno, possibilitando um posterior debate. Exemplo: leitura de artigos, crônicas, cordéis, livros literários, etc.
Aulas de campo / Aula em museus	Aprender fora dos quatro cantos da sala está muito relacionado com a aprendizagem significativa que tanto já foi debatida. Tirar os alunos para aula fora da escola se mostra muito enriquecedora no sentido que gera no aluno uma sensação de materialização do conhecimento e sentimento de estar inserido num ambiente rico em conhecimento que antes era visto como um espaço qualquer. Exemplo: até mesmo uma aula numa rua, sem monumentos antigos, mas só para incentivá-los a se identificar com o meio ao seu redor, indo até mesmo para uma aula num museu, conhecendo os bens que ali estão, fazendo um diálogo com o meio social do qual o bem saiu e no qual o aluno está atualmente. No entanto, tem sempre que se pensar que o momento é de aula e não de passeio.
Pesquisa de campo	É muito rico colocar os alunos para conhecer a sociedade que o cerca, e uma dessas formas é através das pesquisas de campo: pesquisa em outras escolas, em bibliotecas, entrevistas com idosos, entre outros.
Projetos pedagógicos	Há muitas possibilidades para se desenvolver projetos que visem chegar a uma aprendizagem sólida, estimulando no aluno o ativismo, com atividades no contraturno, ajudando colegas com dificuldades, etc.
Aulas com materiais concretos	Como a BNCC trata, uma das possibilidades de se ensinar hoje é através do uso de materiais concretos, por vezes o professor fala, fala e percebe que a aprendizagem não foi plantada, já com o uso de materiais concretos traz para o ensino uma vivacidade e gera o interesse em aprender. Exemplo: uso de documentos escritos antigos, como cartas, utensílios domésticos antigos, fotografias antigas, etc.
Vídeos / Filmes	Vídeos e filmes são ferramentas muito utilizadas atualmente, principalmente com a facilidade de acesso, em visto de estarmos inseridos num contexto digital moderno. No entanto, antes de filmes serem utilizados nas aulas é de fundamental importância uma contextualização com o assunto no qual se está estudando no momento. Exemplos: há muitos filmes com temáticas históricas, tendo como contextos as guerras mundiais, as sociedades coloniais e imperial brasileira, etc.
Debates	Pode parecer uma sugestão monótona, mas debates são fundamentais para tornar o ambiente mais plural e democrático. Debater ideias, assuntos é fundamental, principalmente de forma crítica, respeitando as diversas formas de se pensar um assunto. Exemplos de temas de debates que são relevantes para se compreender a sociedade atualmente: herança dos séculos de escravidão na sociedade brasileira atual; respeito a diversidade (religiosa, ideológica, sexual, étnica), entre outros assuntos que são de suma importância de serem debatidos dentro do ambiente escolar para desenvolver no aluno o sentido crítico de se viver e conviver em sociedade.
Competições entre equipes	Alunos gostam de competir entre si, e uma dessas formas seria a divisão da sala em equipes e elas irão competir umas com as outras, partindo do estudo de um determinado assunto.

Fonte: Adaptado de Portela (2020).

Enfim, o lúdico, pensado aqui como sinônimo de dinamicidade, deve proporcionar aos educandos a aquisição de valores, o desenvolvimento cultural, social e a assimilação de novos conhecimentos e ponto em prática tudo que fora aprendido através das suas próprias criatividade.

#### 4. Considerações Finais

Chegar até aqui foi um processo de amadurecimento, para se pensar a educação nas suas mais variadas formas e desafios, e também, pensar o ensino de História de uma forma crítica, que possibilite a autonomia do aluno, para que sejam verdadeiramente agentes transformadores da sociedade, cidadãos conscientes de sua prática. Esse pensamento é que norteia o ensino de História atualmente, tendo a BNCC como base.

Um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a **autonomia de pensamento** e a capacidade de reconhecer que **os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem**, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania (Brasil, 2017, p. 400) (Negritos do texto original).

Então pensar a educação aliada a psicopedagogia é está fazendo com que o professor possibilite a autonomia do aluno, pensar de forma crítica, tendo como parâmetros os embasamentos históricos, com suas raízes de reflexão enquanto ciência. A História não é cíclica, logo, o ensinamento histórico tem que possibilitar a compreensão dos fatos históricos de forma espiral, para assim, poder entender que a História em si com os mesmos acontecimentos não volta a acontecer, mas, o que ocorre é que o cotidiano, com seus fatos e acontecimentos se relacionam, se parecem que os já foram vistos num outro determinado tempo histórico.

Isso deve ser compreendido para que haja uma reflexão consciente e crítica, para não naturalizar os fatos históricos, mas, pensá-los como reflexos das ações humanas, dos indivíduos que vivem em sociedade. Sociedade esta no qual o aluno está inserido e absorvendo informações, assim a sala aula se mostra como verdadeiro ato de conscientização do fazer histórico e de mãos dadas com a psicopedagogia auxilia para que essa tomada de consciência seja para todos e com todos, mas não o privilégio de poucos.

Assim, há muito que se pensar, problematizar sobre a temática, que por questões metodológicas não abarcam ao artigo, mas pensar em problemáticas que vão além, entender,

por exemplo, que a falta de interesse no estudo de história pode estar relacionado a outros fatores como: um ensino que privilegia o estudo das letras e dos números, problemas extraclasse (problemas psicossociais, familiares, despreparo técnico e metodológico do professor). São reflexões, mas principalmente provocações que surgem que alavancam a possibilidade do estudo futuro, para assim, chegarmos a tão necessária consciência histórica.

## Referências

ABPp. (2012). *Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia*. Recuperado de: [https://www.abpp.com.br/documentos\\_referencias\\_codigo\\_etica.html](https://www.abpp.com.br/documentos_referencias_codigo_etica.html). Acesso em: 06/05/2020

Almeida, Anne. (2009). *Recreação: Ludicidade como Instrumento Pedagógico*. Recuperado de: <https://www.cdof.com.br/recrea22.htm>. Acesso em: 04/05/2020.

Bittencourt, Circe (org.). (2002). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo, Editora Contexto.

Bossa, N. (1994). *A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Brasil. (2017). *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2017. Recuperado de: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC\\_C\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf). Acesso em 07/05/2020.

Grigorenko, Elena L., & Sternberg, Robert J. (2003). *Crianças Rotuladas - O que é Necessário Saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.

Netto, Arthur Prado., & Costa, Orlando Santana. (2017). *A importância da Psicologia da aprendizagem e suas teorias para o campo do ensino-aprendizagem*. Goiânia: Fragmentos de Cultura.

Portela, Francisco Cardozo. (2018). *A Arte de Narrar Histórias: Causos e Lendas na formação da comunidade de Bom Sucesso - Uruoca/CE Entre 1960-1980*. 2018. 92 f. Monografia (licenciado em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Sobral.

Ramos, Géssica Priscila. (2009). *Psicopedagogia: Aparando arestas pela História.*, v. 27, n. 1, p. 9-20, jan./jun., 2007 - Santa Maria, Editora Vidya.

Scoz, Beatriz. (1994). *Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.* 6 Ed. Petrópolis: Vozes.

Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico.* 23. ed. São Paulo: Cortez.

Silva, Andressa Jully Bento de Medeiros. (2011). *O Psicopedagogo e as Intervenções nas Dificuldades de Aprendizagem.* Recuperado de: <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/attach/74460608/espandressajullybentodemedeirossilva111021165426phpapp02>.

Acesso em 04/05/2020.

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Francisco Cardozo Portela – 50%

Wendel Melo Andrade – 50%